

ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.94-101

OLHARES SOBRE MILLIET: UMA INTRODUÇÃO

Danusia Regina Alves¹

Resumo: Sérgio Milliet foi um crítico literário e escritor ativo no início do século XX no Brasil cuja obra está ainda sendo descoberta e pesquisada, processo iniciado principalmente a partir da década de 1990. Milliet possui uma extensa obra crítica publicada pelo jornal *O Estado de São Paulo* entre as décadas de 1940 e 1960, e que foram reunidas e publicadas por Milliet em seus dez volumes de *Diário Crítico*. O artigo apresenta algumas considerações sobre a escrita de Milliet a partir dos trabalhos de Naum Simão de Santana, Lisbeth Rebollo Gonçalves, Regina Salgado Campos e Antonio Candido, em seu conhecido ensaio sobre Sérgio Milliet.

Palavras-chave: Sérgio Milliet; Crítica literária; Crítico brasileiro.

Tradicionalmente, a crítica literária acompanhou o percurso teológico, especialmente até o século XIX, e era tida como secundária à obra de arte. O escrito literário em si tomava o lugar da escritura sagrada, e seu autor possuiria uma certa conexão “mística” com a Verdade (Deus). A crítica literária teria, assim, um aspecto de subserviência à obra literária, sendo aquela considerada menor e dependente desta. Esse caminho pouco atrativo da crítica, como mencionado anteriormente, passou a ser modificado a partir das novas perspectivas e da nova relação do homem com o Divino, elaboradas principalmente do século XIX em diante (PERRONE-MOISÉS, 1978, p.15).

No Brasil, vinha-se da prática da crítica impressionista do final do século XIX e início do XX, veiculada primordialmente em jornais, e que passou a ser combatida a partir da década de 1930, com a criação das faculdades de Filosofia no Rio de Janeiro e São Paulo. Como aponta Flora Sussekind (1993, p.15), na década de 1940, no Brasil, por um momento competem pelas páginas de jornais dois tipos de críticas bastante diversas: a tradicional, de modelo impressionista, feita pelo jornalista-cronista, de saber multifacetado, o intelectual; de outro lado, o acadêmico, formado pelas recém instaladas faculdades, que deseja uma especialização maior da crítica literária, o *crítico-scholar*, como a autora o nomeia. Faziam

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras, Estudos Literários, na Universidade Estadual de Londrina (UEL). Email: regina.danusia@gmail.com



ANAIIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.94-101

parte desta última corrente os críticos Afrânio Coutinho e Antonio Candido, que defendiam o saber universitário no fazer crítico, mas de maneiras diversas: o primeiro acredita que a crítica literária deveria ser apenas estética, enquanto o segundo defende uma crítica dialética².

Aparentemente escapando a esse controverso ambiente, o texto de Sérgio Milliet não se insere nos modos do fazer crítico no Brasil do começo do século. Carlos Guilherme Mota, ao apresentar o livro de Regina Salgado Campos, *Ceticismo e Responsabilidade: Gide e Montaigne na obra crítica de Sérgio Milliet* (CAMPOS, 1996, p.8), aponta para o olhar moderno e “menos tropical” de Milliet, contrastando com outros intelectuais de sua época. Na apresentação de seu *Sérgio Milliet – 100 anos: Trajetória, crítica de arte e ação cultural*, Lisbeth Rebollo Gonçalves explica que o autor incorporou à sua análise, além da sociologia, que era seu campo de formação, também a antropologia e etnografia, “[...] introduzindo uma metodologia de análise transdisciplinar, inusitada na sua época, no campo da arte” (GONÇALVES, 2004, p.12).

Antonio Candido, em palestra proferida em 1978³ e incluída posteriormente como ensaio na segunda edição do primeiro volume de *Diário Crítico* (1981), assim como na coletânea organizada por Rebollo Gonçalves (2004), antecipando o que os estudiosos de Milliet citados anteriormente explicam sobre ele, incita uma reflexão sobre a obra do crítico, e também descreve Milliet como um intelectual à frente de seu tempo, cuja obra destacou-se entre as demais, que estiveram em voga no Brasil nas décadas de 1930 – 1940 (CANDIDO, 1981, p.XI).

Tendo sido contemporâneo de Milliet, Candido pode refletir sob outro ângulo acerca da pessoa Sérgio Milliet, do crítico, de seu trabalho e de sua atuação cultural. A definição “homem-ponte”, criada por Candido, é mencionada em tal ensaio e em vários dos estudos sobre Milliet, devido à sua precisão na caracterização do trabalho que prestou à sociedade paulista e brasileira à época.

2 Ver: COUTINHO, Afrânio. *Crítica e críticos*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1969. p. 177 e 190, e CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Editora Nacional, 1975. p. 4 e 7.

3 Em sua dissertação de Mestrado, *O Ensaísmo crítico de Sérgio Milliet e suas relações com a poesia*, Sílvia Quintanilha Macedo (1991, p.144) esclarece em nota de fim de texto, o contexto de tal ensaio: “Antes de apresentar como introdução ao *Diário Crítico*, esse texto foi originalmente proferido como palestra, na Biblioteca Mário de Andrade, em setembro de 1978, por ocasião da Semana Sérgio Milliet, comemorativa de seu 80º aniversário. O ensaio ainda aparece no volume 39 do *Boletim Bibliográfico*, referente a julho – dezembro de 1978. Recebe posteriormente o nome *O Ato Crítico*, no livro *A educação pela noite e Outros ensaios*, Editora Ática, São Paulo, 1987, onde aparece com ligeiras modificações”.



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.94-101

Naum Simão de Santana, em sua tese de Doutorado *O crítico e o trágico: A morte da arte moderna em Sérgio Milliet* (2009, p. 138), analisa duas publicações, idealizadas pelo autor que reuniriam depoimentos de críticos de arte das gerações de 1922 e 1942: *Testamento de uma geração*, organizada por Edgar Cavalheiro e publicada em 1944, e *Plataforma da nova geração*, feita por Mário Neme e publicada em 1945. Os depoimentos foram publicados no jornal *O Estado de São Paulo*, sob orientação de Milliet, antes de serem compilados em livro.

Antonio Candido relembra que tais publicações causaram “um certo rebuliço” e conta que Milliet frequentemente mencionava as mesmas em seu *Diário Crítico*. Candido, pertencendo à geração mais nova, foi indagado sobre as influências de sua geração, e se viu obrigado a pensar sobre a questão:

Pensei e lembro ter concluído que influência propriamente não conseguia registrar; mas encontrava um escritor mais velho que parecia abrir caminho para o tipo de trabalho intelectual que desejávamos fazer, que já estávamos fazendo [...]. Era Sérgio Milliet, [...] caracterizando-o como 'homem-ponte', conceito que o perturbou, ora inquietando-o, ora fazendo-o pensar sobre a sua função na vida intelectual do tempo. Nós estávamos na casa dos vinte e ele na dos quarenta (CANDIDO, 1981. p. XII)

Milliet demonstra uma preocupação recorrente com os rumos da arte e da crítica de arte no Brasil e no mundo, e diversas vezes em seus escritos faz menção à nova geração de críticos e escritores, tanto do Brasil como do exterior. Ele comenta, por exemplo, em um texto de 30 de janeiro de 1942, e em texto posterior, de 11 de julho de 1943 (MILLIET, 1981, p.34 e p.130), sobre o livro *Jornal de Crítica*, de Álvaro Lins. Álvaro Lins, assim como Antonio Candido, pertencia a essa geração nova de críticos que começou a atuar principalmente a partir de 1940.

O conceito de “homem-ponte”, empregado por Candido, amplia-se nesse sentido: além de se mostrar como um referencial importante para a nova geração de intelectuais no Brasil, Milliet pode ser considerado também uma “ponte” entre a produção artística brasileira e européia (principalmente a França), e que se estendeu até mesmo aos Estados Unidos – o crítico fez algumas viagens a esse país e entrou em contato com artistas e intelectuais de lá. Não é marcado em seus textos do *Diário Crítico* a data exata de sua ida ou de sua volta, mas,



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.94-101

conforme indicado por Lisbeth Rebollo Gonçalves (2004, p.172) em sua cronologia sobre o autor, a viagem ocorreu entre fevereiro e março de 1943. Em ensaio de 6 de fevereiro de 1943 (MILLIET, 1981, p.98), por exemplo, Milliet assim inicia sua reflexão: “Nos Estados Unidos, depois de uma visita a Langston Hughes”. Em tal ensaio, o crítico faz uma reflexão sobre a poesia e música negra estadunidense, depois de visita ao poeta Langston Hughes, e como estas se relacionam com a criação literária na América Latina.

Antonio Candido, assim como Álvaro Lins, como um dos representantes da nova geração de críticos brasileiros, está presente no primeiro volume de *Diário Crítico*. Em texto de 14 de novembro de 1943, Milliet tece comentários sobre o que o autor mais jovem diz sobre o filósofo francês Alain (pseudônimo de Émile-Auguste Chartier), admirado por Milliet. Demonstra sentir-se honrado com a coincidência de interesses entre ele e Candido pelo mesmo autor, como observa-se a seguir:

Leio hoje os comentários de Antonio Candido à obra de Alain. [...]. Coincidimos amiude aos juízos críticos, o que mais uma vez acontece. Não sei se agradecerá ao jovem crítico esta observação; os moços raramente concordam com os velhos e, ao perceberem que se lançam na mesma senda, se agastam. A mim, ao contrário, me comove verificar que certos valores não submergiram ainda no tempo, nesse tempo que vai tão depressa e ofende tantos talentos brilhantes. Comove-me sentir nos moços da hora presente uma admiração sólida por homens como Alain que foram mestres de bem poucos na minha geração. E mestres de caráter principalmente, em todo o sentido da expressão (MILLIET, 1981, p. 275-276).

Candido faz uma referência a Alain em seu ensaio sobre Milliet, quando afirma que o crítico seguiu um caminho de trabalho, da poesia para a crítica, “ao gosto de Alain” (CANDIDO, 1981, p.XV).

Em artigo presente na coletânea de Lisbeth Rebollo, Naum Simão de Santana (2004, p.87) ecoa algumas ideias apresentadas por Antonio Candido. Santana descreve o trabalho de Milliet como um comentário que vai além dos limites artísticos e estéticos de uma obra. Para Santana, Milliet herdou o “[...] humanismo dos pensadores franco-suíços da Primeira Guerra [...]” (IBIDEM, p.89), o que teria dado condições à escrita de Milliet de observar a arte dentro de um espectro mais amplo, para além do âmbito artístico somente, e visando a “[...] inserção da arte na intimidade da complexidade humana” (SANTANA, 2004, p. 89). Santana, como outros autores já citados no presente texto, também destaca o aspecto único do trabalho de



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

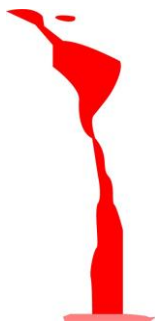
p.94-101

Milliet frente aos outros críticos de seu tempo. A abordagem cuidadosa com que Milliet se aproxima de seus objetos de estudo evita dar margem às deferências e elogios baseados em gosto pessoal nos quais a crítica de arte e literatura pode se enveredar eventualmente.

A tentativa, por parte de Milliet, de não exprimir julgamento de valor em seus textos, não significa entretanto, como aponta Rebollo Gonçalves em seu ensaio “Sérgio Milliet: a epistemologia do discurso e a práxis crítica” (GONÇALVES, 2004. p. 76), que o crítico estaria imune à apreciação pessoal de uma obra ao comentá-la em seu rodapé. Gonçalves explica que Milliet reiterava em seus textos que a imparcialidade absoluta não era possível nas Ciências Humanas; no entanto, o conhecimento da Sociologia pode contribuir para que o estudioso da obra literária observe seu objeto sob uma perspectiva mais abrangente e ética. Gonçalves, como Santana, também aponta para o humanismo no trabalho de Milliet: “A crítica resulta, portanto, em ação, em certo sentido, 'política'. Para ele, esta ação é permeada por valores como a integração da arte na vida, a recuperação do humanismo; a construção de uma nova sociedade calcada em valores liberais e democráticos” (IBIDEM, p. 77). Ainda durante a viagem aos Estados Unidos, no dia 25 de março de 1943 (MILLIET, 1981, p. 102), o crítico publica um texto escrito a partir de Miami: “*Em Miami* – Não fossem os ventos persistentes, Miami teria o mais admirável de todos os climas, somente passível de comparação com o de Madeira”. Nesse ensaio, Milliet, de forma irônica, tece um comentário sobre a sociedade estadunidense que assimilou o tropicalismo e o toque latino em Miami de maneira adequadamente palatável para seus padrões, fazendo uma análise sociológica do que ele observa naquela cultura:

Esse país incrivelmente rico, que tem ferro e carvão, ouro e petróleo, trigo e algodão, arranjou um tropicozinho bem educado para divertir-se nas horas de folga. Para que seus homens de negócio possam, entre dois “booms” na bolsa, respirar o ar do sul e passear de “short” à espera do “cocktail”. Um trópico sem mosquitos, com ruas asfaltadas, “frigidaires”, “drug stores” e “cafeterias”. Se o rico não fosse do tipo perdulário, plantaria até café aqui; plantaria cacau; e seringueiras. Mas o rico é camarada, graças a Deus, e rico demais para se apoquentar. Ele quer é somente o jardim e um pouquinho de exotismo” (MILLIET, 1981, p. 103).

Antonio Candido, por sua vez, expõe o “modo crítico” com que Sérgio Milliet se aproxima de seu objeto de estudo, sendo tal modo uma postura precedente a tudo o que o



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.94-101

escritor analisa. Seria esta a razão por que Milliet evitaria prender-se a dogmas ou saberes cristalizados. Seus escritos “[...] eram manifestação daquele espírito crítico geral e anterior que precisava se exercer cada dia [...]” (CANDIDO, 1981, p. XVII). O modo ou ato crítico de Milliet seria, para Candido, sua capacidade de aliar a personalidade (por meio da inteligência e sensibilidade do crítico) à sistematização teórica, sem deixar-se sufocar por esta, “[...] através da interpretação das obras” (IBIDEM, p. XX), num permanente diálogo com os leitores. Além disso, Candido traça alguns princípios sobre o modo crítico de Milliet que abrangem três momentos: o primeiro seria isolar a obra artística e compará-la, em si e entre outras, a fim de obter uma generalização; o segundo seria mostrar os resultados produzidos pela obra, suas qualidades e defeitos; e o terceiro momento, por sua vez, seria uma orientação ao artista para trabalhos vindouros (IBIDEM, p. XXIV). Em 26 de março de 1943, por exemplo, Milliet publica outro ensaio iniciado com “Nos Estados Unidos” (MILLIET, 1981, p. 104), refletindo, desta feita, também de maneira irônica, sobre a sociedade de consumo estadunidense, a partir de um anúncio de publicidade de uma funerária, publicado no jornal *Washington Daily News*, oferecendo preços sem aumento (comparados ao restante dos produtos e serviços disponíveis no mercado) por seus serviços: “Admirável consolo para aqueles cuja aposentadoria chegou antes do reajustamento dos salários!” (IBIDEM, p. 104). Milliet sugere que Mark Twain, se lesse tal anúncio, escreveria um “conto saboroso”, analisando o aspecto comercial oportunista do mesmo – ao economizar com a morte, o “futuro defunto” fica livre para gastar mais com a vida, assim como fica também “incitado a entregar seu dinheiro aos homens da boa vida”, como os donos de teatros e cinemas, bares e restaurantes, citados por Milliet, e que seriam os verdadeiros beneficiados por tal publicidade. Este é um exemplo da inserção do aspecto literário no cotidiano (pensando sobre Mark Twain, um autor estadunidense a partir de experiências do dia a dia, revelando o modo crítico de Milliet de abordar seu objeto.

Naum Simão de Santana, por sua vez, caracteriza Sérgio Milliet como um “espírito crítico” (SANTANA, 2004, p. 89); o que reverbera, parcialmente, o discurso de Candido acerca do mesmo. Mais além, em seu artigo *Crítica e suspicácia*, Santana explica que foi esse modo crítico de Milliet, sua posição independente com relação às correntes e modas da época, é que permitiram que ele observasse as criações de seu tempo com disposição diferente da



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDRINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.94-101

maioria, sem basear-se em apegos ou deslumbramentos. Santana, assim como Candido, ressalta o diálogo que Milliet travava com seu interlocutor, seu leitor, o público.

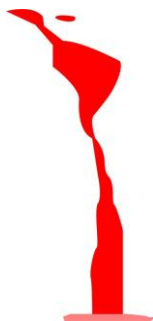
Essa posição independente de Sérgio Milliet é estudada a fundo por Regina Salgado Campos em *Ceticismo e Responsabilidade* (CAMPOS, 1996, p. 87 e 231), que analisa questões milletianas sobre seu posicionamento cético e a responsabilidade do intelectual nos volumes de *Diário Crítico*. No capítulo III da obra, a autora trabalha com a questão do intelectual à época de Sérgio Milliet, enquanto que no capítulo IV, Regina Campos dialoga com diversos teóricos e estudiosos que também escreveram sobre Milliet, a fim de discutir a questão do ceticismo presente em sua obra, a postura que o mesmo adota e o que o autor fala sobre o assunto em *Diário Crítico*.

O artigo aqui apresentado mostra-se apenas como uma reflexão inicial ao estudo da obra de Sérgio Milliet em *Diário Crítico*. A reflexão sobre sua atividade crítica é relevante na medida que retoma uma história da crítica literária no Brasil no início do século passado, resgata uma parte do pensamento intelectual daquela época e joga luz às práticas contemporâneas e mesmo futuras da crítica literária sendo feitas no país. A partir das características apontadas pelos teóricos citados neste estudo é possível iniciar uma compreensão geral acerca da obra do crítico brasileiro

A compilação de textos organizadas por Lisbeth Rebollo Gonçalves, juntamente com a obra de Campos, mostrou ser uma importante fonte de pesquisa e onde pode-se obter um panorama bastante variado do crítico Sérgio Milliet e das várias facetas de seu trabalho e atuação cultural. Essa publicação é uma contribuição determinante para a melhor compreensão e estudo da obra crítica do autor.

Como observado nesta pequena introdução, Sérgio Milliet tem sido mais estudado no Brasil; no entanto, há ainda várias outras perspectivas a serem abordadas a respeito de sua obra e de sua vida. Faz-se necessário o resgate de sua obra crítica, que contribuiu para a disseminação da cultura no país à época, e ajudou a construir a história da crítica literária brasileira.

Referências



ANAIS ELETRÔNICOS DO X COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS:
DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

SILVA, JACICARLA S.; BRANDINI, LAURA T. (ORGS.)

LONDINA, 20 E 21 DE JUNHO DE 2017.

ISSN: 2446-5488

p.94-101

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Editora Nacional, 1975.

_____. Sérgio Milliet, Crítico. In: MILLIET, Sérgio. **Diário Crítico**. 2. ed. São Paulo: Martins, 1981.

CAMPOS, Regina Salgado. **Ceticismo e responsabilidade**: Gide e Montaigne na obra crítica de Sérgio Milliet. São Paulo: Annablumme, 1996.

COUTINHO, Afrânio. **Crítica e críticos**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1969.

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo (org.). **Sérgio Milliet – 100 anos**: Trajetória, crítica de arte e ação cultural. São Paulo: ABCA : Imprensa Oficial do Estado, 2004.

MACEDO, Silvia Quintanilha. **O Ensaísmo crítico de Sérgio Milliet e suas relações com a poesia**. 1991. 162 f. Mestrado (Mestrado em Estudo da Linguagem) – Universidade de Campinas, Campinas.

MILLIET, Sérgio. **Diário Crítico**. 2. ed. São Paulo: Martins, 1981. v. 1

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Crítica, texto, escritura**. São Paulo: Editora Ática, 1978.

SANTANA, Naum Simão de. **O crítico e o trágico**: A morte da arte moderna em Sérgio Milliet. 2009. 175 f. Doutorado (Doutorado em Teoria, Ensino e Aprendizagem de Arte) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

SUSSEKIND, Flora. Rodapés, tratados e ensaios: A formação da crítica brasileiras moderna. In: _____. **Papéis colados**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993, p. 15.